

## ***Festina lente***

Cláudia França

O tempo passava lentamente, embalado nalguma música de fundo.  
e numa voz baixa de timbre doce.

Uma imagem, uma descrição verbal.  
Contava-se uma história.  
O barulho da página virada.

Uma imagem, uma descrição verbal.  
Contava-se uma história.  
O barulho da página virada.

Uma imagem, uma descrição verbal.  
Contava-se uma história.  
O barulho da página virada.

Uma imagem, uma descrição verbal.  
Contava-se uma história.  
O barulho da página virada.

Uma imagem, uma descrição verbal.  
Contava-se uma história.  
O barulho da página virada.

Entrava-se, assim, lentamente, em uma estranha rítmica, dada pela contemplação de algo que avançava imperceptivelmente rumo a um lugar que talvez fosse um pouco mais entrópico do que cada presentidade dada por uma fotografia, uma após a outra.

Talvez se chegasse ao âmago de algo, talvez.

De pouco em pouco, era adotada a perspectiva do narrador. Um distanciamento que não era grande nem tão pequeno, sempre no caminho do meio: desde um centro geométrico a um zero gravitacional, onde figurará a Ausência.

Para isso, ia sendo suprimida aquela parte do “contava-se uma história”, pois ela era percorrida e sendo sobreposta por outra sensação de angústia, como se o tempo saltasse desde a imagem até o barulho da página fazendo o seu ângulo.

Busca de sincronia palavra-imagem, às vezes a imagem escapava e desaparecia, tornando-se o fundo indiscernível para o detalhe da palavra, essencialmente descritiva. Mas quase sempre, tudo superfície, encontro de texturas na superfície da grande tela e na superfície de um corpo sentado.

De pouco em pouco, nos tornávamos placidamente coisas em um mundo tão pleno delas, consubstanciando a desocupação. Mal sabíamos que éramos palco e plateia de nossa própria desertificação interna, do murmúrio do coração que se ritmava ao sabor daquela hipnose coletiva (o que lê, a sua mão direita que é o motor da pequena máquina de vento, a imagem, a palavra, o narrador e o tempo, que pulava e tropeçava em seu próprio salto). Éramos somente anteparos para a luz emitida.

No torpor de cada um vertido em nós, e em coisa, somente um ser se movia, em uma ansiedade tornada imperceptível pelo fato de o ser estar sentado. Dos que se tornaram estátuas discutindo seus destinos, o narrador percorria todo o lugar, em busca de Algo. Lentamente como cada fotografia. Aproxima-se e se distancia, percebe as penumbras e as luzes sem sentido, o descanso dos objetos ou mesmo seu silêncio tácito.

Festina lente.

Enquanto isso, dormíamos ao sabor da latência lenta no leito da letra lida e da lente lúcida. Enquanto isso, uma imagem, uma descrição verbal. Contava-se uma história. O barulho da página virada.

O barulho da página antecipava a ausência de som da porta aberta e cerrada, a ausência de si que vem no torpor da fumaça congelada. Até que vibramos todos no Nada. Como se uma espécie de pulsão de morte promovesse a evasão de nós-coisas, promovendo a pulsão do intervalo. O elogio do quase se instaura. Mais sensato dizer: vibramos todos no quase-nada.

No vazio construído, entra Kairós, o momento fecundo e oportuno.

Outro tempo dado no instante, em que se encontra o divino: puro susto.

Pura fragilidade no insuspeito de que o par de asas transforme em asas, os dedos.

Nesse encontro, reside o segredo, de que somente não sendo se percebe o ápice.